

DIVERSIFICAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Ísis de Paula Santos Mendonça

Universidade Federal do Maranhão
São Luís - MA
<http://lattes.cnpq.br/3603893792481162>

Jailson Araujo Cipriano

Universidade Federal do Maranhão
São Luís – MA
<http://lattes.cnpq.br/2884612088294165>

Lívia da Conceição Costa Zaquie

Universidade Federal do Maranhão
São Luís – MA
<http://lattes.cnpq.br/8327620256183656>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo realizar um Estado da Arte sobre a diversificação pedagógica no atendimento à diversidade nas salas de aula da educação básica para a promoção da inclusão educacional. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de um artigo de revisão com abordagem qualitativa. Foram consultadas as bases de dados Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas do Nível Superior (CAPES), com o recorte cronológico dos anos de 2010 a 2017. O trabalho teve como resultado a identificação de seis categorias, a saber: ambientes inclusivos; integração social inclusiva; práticas diversificadas em sala de aula; trabalho cooperativo; planejamento e formação docente, categorias estas que são a base da educação diversificada.

PALAVRAS-CHAVE: Diversificação pedagógica; deficiência; inclusão; prática docente.

PEDAGOGICAL DIVERSIFICATION IN THE TEACHING PROCESS FROM THE PERSPECTIVE OF SPECIAL AND INCLUSIVE EDUCATION: A BIOGRAPHICAL STUDY

ABSTRACT: This article has the purpose to provide a State of the Art on pedagogical diversification in meeting diversity in basic classrooms for the promotion of educational inclusion. As for the methodological aspects, it is a review article with a qualitative approach. The Google Scholar database and the Journals Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Persons (CAPES) were consulted, in the period between 2010 to 2017. The work resulted in the identification of six categories, namely: inclusive environments; inclusive social integration; diversified practices in the classroom; cooperative work; planning and teacher formation, categories that are the basis of diversified education.

KEYWORDS: Pedagogical diversification; deficiency; inclusion, teaching work.

1 | INTRODUÇÃO

A diversificação pedagógica se apresenta como alternativa de trabalho cooperativo na promoção da aprendizagem. Professores e estudantes aprendem em conjunto. Partindo da diversidade existente nas salas de aula, o docente planeja suas intervenções, avalia, reflete e realiza os devidos ajustamentos, considerando a heterogeneidade e as diferentes

capacidades de aprendizagem (PEREIRA; SANCHES, 2013).

Os professores têm a importante função de fazer a gestão das salas de aula onde estudantes com diferentes características interagem e aprendem uns com os outros. É preciso repensar a escola que se deseja inclusiva, repensar as próprias práticas, redefinir percursos e compreender que a maioria dos educadores não está pronta para atender à inclusão, mas todos podem buscar meios para efetivá-la.

Realizamos um Estado da Arte sobre a diversificação pedagógica no atendimento à diversidade nas salas de aula da educação básica para a promoção da inclusão educacional. Nas salas de aulas os estudantes não são iguais, é preciso buscar caminhos diversificados para atender às especificidades de todos eles.

Este trabalho está dividido em três seções: a primeira apresenta o conceito de diversificação pedagógica, a segunda aborda a metodologia e a terceira enfoca as discussões e os resultados; por fim apresentamos as considerações finais.

2 | DIVERSIFICAÇÃO PEDAGÓGICA

A diversificação pedagógica apresenta múltiplas concepções, o que justifica não haver um conceito fechado dessa expressão. Há, no entanto, diversas definições referendadas por estudiosos do campo da educação (SANCHES, 2012; SANTOS, 2009; SILVA; RIBEIRO; CARVALHO, 2013). Assim, sucintamente podemos dizer que a diversificação pedagógica corresponde aos esforços dos professores para atender à diversidade das salas de aulas com respostas ao aprendizado de todos os estudantes com ou sem necessidades educativas especiais.

A diversificação pedagógica pode ser compreendida como uma mediação para que se efetivem práticas escolares inclusivas que permitam a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os estudantes. Santos (2009) relata que até meados do século XX a diversificação pedagógica não se constituía como objeto de reflexão dos educadores com a intencionalidade pedagógica que hoje se entende, pois discutiam apenas pelo viés de que, embora participando das mesmas aulas, alguns estudantes precisavam de mais tempo para chegar à aprendizagem. Posteriormente, esta compreensão permitiu concluir que os estudantes possuem ritmos de aprendizagem diferenciados, não sendo suficiente preparar aulas mais simples ou diminuir o nível de complexidade das tarefas e muito menos dar mais tempo ou repetir os mesmos conteúdos para aqueles que estavam em atraso em relação a outros, era preciso organizar o ensino considerando que os estudantes não aprendem da mesma maneira (SANTOS, 2009).

Santos (2009) apresenta uma classificação que entende a diversificação pedagógica em três níveis. Na primeira forma, a autora denomina diversificação institucional, que ocorre de forma mais ampla, abrangendo sistemas educativos; por exemplo, a estruturação

curricular de uma rede de ensino (federal, estadual ou municipal). O segundo tipo é a diversificação externa, como a implantação de programas de apoio ao ensino regular. Já a terceira classificação, que nos interessa mais profundamente neste estudo, é a diversificação interna, aquela que acontece dentro da sala de aula, sendo o professor o responsável por conduzir as intervenções cotidianamente (SANTOS, 2009).

Silva, Ribeiro e Carvalho (2013) apontam que os docentes devem reconhecer as diferenças existentes entre os seus estudantes e realizar um diagnóstico das possibilidades de intervenções; é preciso considerar tanto o potencial de aprendizagem quanto as dificuldades. Mediante essa avaliação, o professor irá planificar as ações adequadas à diversidade da sala de aula. O docente, ao trabalhar em uma perspectiva de diversificação pedagógica, sendo ele o mediador do processo, deve criar condições diversificadas para permitir a interação entre o estudante e os conteúdos. Silva, Ribeiro e Carvalho (2013) explicam que praticar a diversificação pedagógica não significa abandonar os conteúdos dos programas; é possível flexibilizar o currículo e selecionar aquilo que é mais significativo para os estudantes e ajustar os conteúdos em função dos interesses e objetivos traçados.

Apontamos a necessidade de os docentes em exercício e os futuros profissionais da educação compreenderem a diversificação pedagógica como forma de respeitar e valorizar as diferenças na promoção da aprendizagem, e que reconheçam sua importância e se apropriem dela como instrumento eficiente para minimizar a discriminação e a negação do conhecimento.

3 | METODOLOGIA

Os repositórios e bases de dados utilizados na pesquisa foram o Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas do Nível Superior (CAPES). Projetamos um recorte cronológico que inclui os anos de 2010 a 2017. Elencamos como descritores de busca os termos ‘diversificação pedagógica’, ‘diversificação curricular’, ‘flexibilização curricular’ e ‘adequação curricular’ e encontramos 196 trabalhos.

Após refinamento, incluindo os termos ‘necessidades educativas especiais’, ‘Educação Especial’, ‘inclusão’ e ‘deficiência’, elencamos 85 trabalhos. Após um segundo refinamento, selecionado apenas artigos em periódicos em língua portuguesa foram selecionados nove trabalhos, sendo quatro do Google Acadêmico e cinco da CAPES.

A partir de então, procedemos à revisão de literatura. De acordo com Ferreira (2002) as pesquisas denominadas Estado da Arte visam mapear produções científicas. Para Ferreira (2002) os Estados da Arte são definidos como pesquisas de:

[...] caráter bibliográfico; elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo

destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Os critérios de inclusão compreendem artigos publicados em periódicos em Língua Portuguesa que discorreram sobre diversificação pedagógica, incluindo os vocábulos inclusão, necessidades educativas especiais e educação especial. Excluímos teses, dissertações, trabalhos publicados em eventos, além de outros que não os artigos publicados em periódicos, ficando selecionados oito artigos, conforme quadros a seguir:

	Autor/a	Título	Ano	Natureza	Periódico	Descritores
1	SILVA, Maria Odete Emygdio da.	Educação Inclusiva – um novo paradigma de Escola	2011	Artigo de Revisão	Revista Lusófona de Educação, 19, 119-134.	Diversificação Pedagógica. Adequação. Necessidades educativas especiais. Inclusão. Educação especial.
2	SANCHES, Isabel	Em busca de indicadores de educação inclusiva: práticas de colaboração do professor de apoio educativo com o professor da turma que “inclui” alunos considerados com necessidades educativas especiais	2012	Pesquisa Aplicada	Revista Espaço Pedagógico, v. 19, n. 1, p. 102-120.	Diversificação Pedagógica. Diferenciação Curricular. Adequação. Flexibilidade curricular. Necessidades educativas especiais. Educação especial. Inclusão.
3	MARTINS, Celina Luísa Raimundo	Educação física inclusiva: atitudes dos docentes	2014	Pesquisa Aplicada	Revista Movimento v. 20, n. 2, p. 637-657.	Diversificação Pedagógica. Diferenciação Curricular. Flexibilidade curricular. Inclusão. Necessidades educativas especiais.
4	FERREIRA, Marco Maia; PRADO, Susana Agudo; CAVIECO, Javier Fombona.	Educação Inclusiva: Natureza e fundamentos	2015	Artigo de Revisão	Revista nacional e internacional de educación inclusiva, v. 8, n. 3.	Diversificação Pedagógica. Flexibilidade curricular. Adequação Curricular. Necessidades educativas especiais. Educação especial. Inclusão.

Quadro 1 - Artigos coletados a partir do Google Acadêmico.

Fonte: autores (2021).

	Autor (es)	Título/subtítulo	Ano	Natureza	Periódico	Descritores
1	LOPES, Maria	As lideranças e a diferenciação curricular inclusiva: que caminhos para a escola do século XXI?	2010	Artigo de Revisão	Entretextos. Universidade Lusófona, v. 9.	Diferenciação Curricular. Diversificação. Flexibilização. Diversificação. Necessidades Educativas Especiais. Educação especial. Inclusão.
2	SILVA Maria Deolinda Oliveira; RIBEIRO, Célia; CARVALHO Anabela	Atitudes e Práticas dos Professores Face à Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais - 34	2013	Pesquisa Aplicada	Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano 47-1, 53-73.	Flexibilização. Diferenciação. Diversificação. Necessidades Educativas Especiais. Inclusão. Deficiência.
3	PEREIRA Marta; SANCHES Isabel	Aprender com a diversidade: as metodologias de aprendizagem cooperativa na sala de aula	2013	Pesquisa Aplicada	Nuances: estudos sobre Educação, v. 24, n. 3, p. 118-139.	Diferenciação. Inclusão. Diversificação. Educação Especial.
4	CLÉRIGO, B. et al.	Diferenciação pedagógica nas primeiras idades para a construção de uma prática inclusiva	2017	Pesquisa Aplicada	Rev UIIPS, v. 5, n. 1: 98-118.	Diferenciação Pedagógica. Flexibilização. Inclusão. Necessidades Educativas Especiais. Educação especial.

Quadro 2 – Artigos coletados a partir da CAPES.

Fonte: autores (2021).

Silva (2011) defende a ideia de que para construir escolas inclusivas os participantes devem mobilizar forças em prol desse objetivo, no sentido de exigir do governo sustentação na legislação e amparar os direitos das pessoas com necessidades educativas especiais. Sustenta também que a inclusão de pessoas com necessidades especiais seja consentânea aos seus direitos e que tenham acesso a espaços ricos em estimulação e interação; que consigam desenvolver aprendizagens significativas e mudanças de comportamento e atitudes. Em tais escolas impera a prática da diferenciação pedagógica que apoia e inclui a diversidade; que luta para superar o paradigma da integração, dando lugar ao paradigma da inclusão real.

Silva (2011) compreende que a formação dos professores é um processo que precisa ser implementado, pois, como facilitadores no apoio a educação inclusiva na qual os mesmos consigam gerir suas salas de aula. Desta maneira, evidenciado estratégias e práticas efetivas, que oportunizam o crescimento dos estudantes com necessidades educacionais especiais, por meio de resultados positivos de intervenções e práticas pedagógicas diversificadas.

Sanches (2012) parte de uma contextualização teórica sobre a educação inclusiva,

apresentando esse movimento como uma quebra ao paradigma do ensino tradicional. Na busca por atender esse novo paradigma de educação, surge a diferenciação pedagógica inclusiva, segundo a qual professores e estudantes aprendem em conjunto. Partindo da diversidade existente nas salas de aula, o docente planeja suas intervenções, avalia, reflete e realiza os devidos ajustamentos considerando a heterogeneidade e as diferentes capacidades de aprendizagem.

A realização de atividades coletivas com os estudantes privilegia a cooperação em vez da competição, a fim de alcançar objetivos comuns. Dessa forma, todos podem contribuir com a aprendizagem e as competências individuais são valorizadas. De acordo com a autora, para que esse tipo de intervenção educacional funcione “é necessário que o professor assuma a função, não de ensinar, mas de conduzir e observar as atividades dos seus estudantes de modo a controlar o seu desenvolvimento” (SANCHES, 2012, p. 123).

A aprendizagem cooperativa trabalhada em uma perspectiva de diferenciação pedagógica focada nas necessidades e interesses dos estudantes espelha resultados positivos para o ensino-aprendizagem, pois possibilita a ampliação dos conhecimentos, incentiva as relações interpessoais, a troca de experiências e o desenvolvimento de competências necessárias à formação mais democrática e potencializadora do progresso dos estudantes (SANCHES, 2012).

Martins (2014) apresenta o pensamento de que os ambientes inclusivos devem manter, necessariamente, a cultura inclusiva, isso se traduz em mudanças de atitudes de uma determinada comunidade educativa, o que traz como resultado uma maior coesão de trabalho cooperativo entre profissionais, famílias e estudantes dentro e fora da escola.

É importante que os profissionais de educação estejam imersos e articulados em experiências sobre as Necessidades Educativas Especiais (NEE), conhecimentos promotores de integração social e inclusão. Um dos aspectos mais relevantes da pesquisa é que há uma falta de preparação docente para atuar com estudantes com deficiência, além da falta de material adaptado para essa especialidade. A autora Martins (2014) conclui seu artigo expondo a necessidade de integração entre áreas como escola, saúde e serviços de assistência social para ampliar os vínculos com as famílias e com a comunidade. Então, a diferenciação pedagógica torna-se o eixo central curricular, pois promove metodologias adequadas para todos os estudantes e suas capacidades de aprendizagem.

Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) apontam a necessidade do entendimento de que a Educação Especial e inclusiva deve voltar-se apenas para um currículo que desenvolva as capacidades de aprendizagem, mobilidade, autonomia, relacionamento interpessoal e a participação social dos estudantes que fazem parte do público-alvo da Educação Especial. Sendo assim, a escola inclusiva deve procurar desenvolver a aprendizagem de todos os estudantes, adotando estratégias que facilitem a aprendizagem como fator de enriquecimento dentro da diversidade.

Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) consideram que é necessária uma flexibilização curricular que alcance as várias capacidades de aprendizagem dos estudantes, revelando a importância de trabalhar a sensibilização dos integrantes da comunidade escolar para que acreditem na possibilidade de sucesso de seus estudantes, em especial os que apresentam necessidades educativas especiais. Para isso, é preciso levantar a bandeira de que a diferenciação pedagógica promove adequação planejada no ambiente onde os estudantes interagem; isso requer um modelo centrado nas necessidades específicas dos estudantes. Isso só pode acontecer quando houver um rompimento com a pedagogia tradicional, dando mais atenção aos tempos, aos espaços e aos recursos materiais em seus planejamentos, respeitando os ritmos e as capacidades de aprendizagem de cada um.

Lopes (2010) propõe que a diversificação seja analisada a partir do conceito de currículo como processo aberto e flexível, praticada por toda a liderança escolar dentro de uma *práxis* curricular das escolas e dos professores, fundamentada na liderança transformacional participativa, flexível e democrática para promover a aprendizagem de todos. A autora afirma que as lideranças são propulsoras da diversificação curricular inclusiva para se reconstruir uma escola democrático-participativa, inclusiva e comprometida com o sucesso educativo de todos os estudantes.

Lopes (2010) ainda afirma que uma escola para todos nasce da necessidade da diversidade humana em uma prática educacional inclusiva centrada em uma metodologia diferenciada pautada em um currículo flexível. Para que isso aconteça deve haver uma mudança na estrutura e no funcionamento das escolas em suas práticas e nas práticas dos professores. Deve haver uma reconceitualização do currículo que retoma as questões: o que ensinar? Como ensinar? Por que deve ser ensinado? Os líderes da organização escolar veem a escola como uma instituição aprendente, dentro da diversidade, e questionam continuamente o que se faz, como se faz e para que se faz.

Silva, Ribeiro e Carvalho (2013) destacam a ideia de uma melhor qualificação profissional no que tange à formação continuada de professores para que eles sejam mais capazes de aplicar metodologias diversificadas e mais flexíveis para obter intervenções pedagógicas mais exitosas; que aprendam a empregar a flexibilização curricular e a pedagogia diversificada, partindo de um planejamento adequado de estratégias e metodologias alternativas por meio de aprendizagens cooperativas que envolvam seqüências de aprendizagem, uso de materiais e técnicas adequadas para crianças e jovens. Alertam para a necessidade de maior atenção às formações docentes que promovam a inclusão dos estudantes com necessidades educativas especiais, em que se aprende a compreender melhor as especificidades desse público-alvo, para que possam realizar intervenções pedagógicas de maneira que contribuam para a superação de suas dificuldades.

Pereira e Sanches (2013) consideram que o trabalho cooperativo é importante para o ensino e a aprendizagem entre os estudantes, e que a mesma necessidade se faz entre os professores. A aprendizagem cooperativa surge como uma estratégia metodológica de ensino em uma perspectiva de diversificação pedagógica. As citadas autoras fazem uma contextualização teórica quanto ao papel e a necessidade do professor de apoio educativo, profissional que surge em substituição ao professor de educação especial tradicional. Pereira e Sanches (2013) sinalizam que os professores relatam dificuldades em realizar um trabalho colaborativo; essa metodologia não é tradição na educação, o que implica no enfrentamento de barreiras, como exemplo, a falta de tempo para propiciar momentos de trocas e cooperação entre professores de apoio educativo e professores titulares de salas de inclusão, pois, em geral a permanência dos professores no espaço escolar corresponde aos seus horários em sala de aula.

Clérigo e colaboradoras (2017) afirmam que mudanças da sociedade exigem também mudanças nas práticas escolares. Neste propósito, o trabalho com a diversidade e com a inclusão educacional se torna uma exigência aos professores dos diferentes níveis de ensino. Tal tarefa ainda é bastante complexa e implica que os educadores trabalhem em uma perspectiva de diversificação pedagógica a partir das características e possibilidades de aprendizagem de cada estudante, percebendo as diferentes capacidades de aprendizagem a fim de criar estratégias de intervenção efetivas.

Clérigo e colaboradoras (2017) se assentam na compreensão de que todos aprendem melhor através de estímulos multissensoriais. Assim, ressaltamos que esse entendimento que deve nortear as práticas dos professores em direção à diversificação pedagógica. Para tanto, compreendemos que não basta inovar, é preciso pensar na totalidade do processo de intervenção realizado e avaliar os resultados a fim de oportunizar iguais condições de aprendizagem para todos os estudantes.

Com o objetivo de atender à diversidade dos estudantes nas salas de aula, os professores fazem uso de estratégias didáticas diversas. Primeiramente se pensou essa pedagogia para intervir no fracasso escolar, pensando em como as pessoas que tinham dificuldades e limitações poderiam se “igualar” aos demais bem-sucedidos. Clérigo e colaboradoras (2017) salientam que trabalhar uma pedagogia diversificada é bem mais que isso, é respeitar a individualidade dos estudantes, evitando exclusões nos sistemas educativos.

Por último, as autoras propõem que os professores mantenham foco nas particularidades de cada estudante ou de pequenos grupos de estudantes, desenvolvendo neles a capacidade de conviver com as diferenças. O melhor caminho é tomar as particularidades como ponto de partida, explorando suas possibilidades para aprendizagem (CLÉRIGO et al., 2017).

4 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao realizarmos as leituras dos artigos analisados nesta pesquisa, elencamos seis categorias conceituais que estabelecem uma visão panorâmica da temática diversificação pedagógica'. As três primeiras não envolvem diretamente a relação professor-estudante propriamente dita.

A categoria 'ambientes inclusivos' apresentada por Martins (2014) envolve o estabelecimento de espaços ricos em estimulação e interação, adequando o material e as mobílias; o resultado é a melhor aprendizagem em razão de um ambiente mais estimulante. A categoria 'planejamento' proposta por Silva, Ribeiro e Carvalho (2013) e por Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) está também presente, pois faz parte de toda a dinâmica curricular e de todo o trabalho pedagógico, propiciando melhor orientação e direcionamento ao trabalho docente. A categoria 'formação docente' proposta por Silva (2011), Sanches (2012) Silva, Ribeiro e Carvalho (2013) e por Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) é essencial nesse contexto, em razão de capacitar o professor para lidar com os estudantes auxiliando-os a saber fazer e a saber ser.

As três últimas categorias ensejam um contato mais direto entre professores e estudantes, proporcionando uma experiência que envolve um enriquecimento de trocas de conhecimento dando oportunidade para o crescimento de ambos os protagonistas do processo educativo.

A categoria 'integração social inclusiva' também proposta por Martins (2014) visa desenvolver a autonomia e a socialização nesses estudantes, favorecendo um melhor convívio com relação à diversidade. A categoria 'prática diversificada' proposta por Silva, Ribeiro e Carvalho (2013) envolve a metodologia, os tempos e os espaços, bem como as estratégias didático-pedagógicas diversificadas, visando produzir aprendizagens significativas. A categoria 'trabalho cooperativo' proposta por Sanches (2012), Pereira e Sanches (2013) e por Martins (2014) envolve a cooperação entre professores, estudante-estudante, estudante-professor e ambos em conjunto com toda a equipe escolar, propiciando uma convivência mais humanizada.

Estas categorias citadas fornecem elementos basilares para uma prática docente democratizadora e inclusiva no contexto do ensino colaborativo, possibilitando aos professores desenvolverem suas práticas numa perspectiva de maior interação e favorecimento da aprendizagem dos estudantes.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com o presente estudo realizar um Estado da Arte sobre a diversificação pedagógica no atendimento à diversidade nas salas de aula da educação básica para a promoção da inclusão educacional. Apresentamos discussões e experiências sobre

práticas de diversificação pedagógica para a promoção da aprendizagem aplicadas no contexto do ensino de estudantes com deficiência.

De acordo com os autores referenciados neste trabalho, uma escola inclusiva contribui para construir uma sociedade inclusiva, alcançando a todos; somente assim poderemos celebrar a diversidade. Esse ideal será alcançado à medida que envolver toda a comunidade escolar. Para gerir tal situação por vias de um trabalho de reflexão e cooperação deve haver encorajamento no sentido de mudanças efetivas, não somente administrativas, mas metodológicas e organizacionais, possibilitando a criação de espaços e ambientes educativos mais ricos e mais inclusivos.

O modelo tradicional de ensino já não corresponde aos novos perfis do alunado; tem-se nos dias atuais uma série de exigências para que a escola atenda à diversidade do seu público. A escola deve ofertar uma educação que forme cidadãos críticos, autônomos, capazes de agir com criticidade e precisa trabalhar na perspectiva de uma educação de qualidade, pautada em valores e estratégias voltados para um ensino que desenvolva competências para a criação de um ambiente rico de possibilidades e de aprendizagem para todos os estudantes.

Essa construção perpassa pela efetividade de um currículo aberto e flexível que contemple, de fato e de direito, uma preparação docente através de formação continuada para atuar com estudantes de diversas naturezas, mediando o processo ensino-aprendizagem para incluir os estudantes com deficiência, os estudantes com transtorno do neurodesenvolvimento, os que possuem altas habilidades, ou seja, todos, sem exceção. Isso só pode se efetivar através de metodologias adequadas para todos os estudantes.

Neste sentido, a diversificação pedagógica torna-se o eixo central com a finalidade de incluir estudantes com diversas necessidades e possibilitar a realização de intervenções pedagógicas exitosas através de planejamento, estratégias e metodologias adequadas, por meio de uma gestão da sala de aula que maximize os tempos e os espaços, inclusive os recursos em seus planejamentos, respeitando os ritmos de aprendizagem e as características cognitivas diferenciadas, competências e saberes dos estudantes.

Conclui-se nesta investigação que a aprendizagem cooperativa, trabalhada em uma perspectiva de diversificação pedagógica, focada nas necessidades e interesses dos estudantes, reflete resultados positivos para o ensino e a aprendizagem, pois possibilita a ampliação dos conhecimentos, incentiva as relações interpessoais, a troca de experiências e o desenvolvimento de competências necessárias à formação mais democrática.

REFERÊNCIAS

CLÉRIGO, Bruna; ALVES, Rita; PISCALHO, Isabel; CARDONA, Maria João. Diferenciação Pedagógica nas Primeiras Idades para a Construção de uma Prática Inclusiva. **Revista da UIIPS**, v. 5, n. 1, p. 98-118, 2017.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FERREIRA, Marco Maia; PRADO, Susana Agudo; CADAVIECO, Javier Fombona. Educação Inclusiva: Natureza e fundamentos. **Revista nacional e internacional de educación inclusiva**. v. 8, n. 3, nov., 2015.

LOPES, Maria. As Lideranças e a diferenciação curricular inclusiva: que caminhos para a escola do século XXI? **Coleção Entretextos**, Repositório Científico Lusófona, 2010. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/8559/1/entretextos-09.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

PEREIRA, Marta; SANCHES, Isabel. Aprender com a diversidade: as Metodologias de Aprendizagem Cooperativa na sala de aula. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 118-139, set./dez. 2013.

SANCHES, Isabel. Em busca de indicadores de educação inclusiva: práticas de colaboração do professor de apoio educativo com o professor da turma que “inclui” alunos considerados com necessidades educativas especiais. REP – **Revista Espaço Pedagógico**, v. 19, n. 1, Passo Fundo, p. 102-120, jan./jun. 2012.

SILVA, Maria Odete Emygdio da. Educação Inclusiva: um novo paradigma de Escola. **Revista Lusófona da Educação**, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 119-134, fev. 2011.

SILVA, Maria Deolinda Oliveira; RIBEIRO, Célia; CARVALHO, Anabela. Atitudes e Práticas dos Professores Face à Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Lisboa, ano 47-I, p. 53-73, 2013.

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

SABERES E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO:

múltiplos olhares



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

SABERES E PERSPECTIVAS

NA EDUCAÇÃO:

múltiplos olhares



Atena
Editora
Ano 2022